

A large, abstract red drawing on a white background. The drawing consists of dense, textured strokes that form a central, somewhat triangular shape with a jagged, organic edge. The strokes are made with a thick marker or crayon, creating a rich, layered effect. The overall composition is dynamic and expressive.

GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

febre
carla chaim

06 nov nov - 18 dez dec_ 2021

(...) “No gesto, cada corpo, uma vez liberado de sua relação voluntária com um fim, seja orgânico ou social, pode pela primeira vez, explorar, sondar e mostrar todas as possibilidades de que é capaz.”

Giorgio Agamben

Engana-se quem espera encontrar abrigo nesta arquitetura. De início, há uma caixa dentro de outra caixa; um *grid* de madeira no centro da galeria. A estrutura vazada nos convida a contemplar desenhos suspensos, percorrer o dentro e o fora, a frente e o verso. Tudo parece em seu lugar, até que nos aproximamos das obras. Daí, a aparente rigidez do espaço encontra as manifestações de um corpo inquieto, febril. Percorremos riscos enérgicos e repetitivos, densidades matéricas, arranhões, tapas, explosões e estilhaços: nenhum traço de consolação, nenhuma redenção.

Febre é uma exposição que ronda as potências reflexivas do gesto. Liberadas de qualquer funcionalidade, as ações de Carla Chaim exploram as rebeliões e levantes que cabem num só corpo. Se a artista costuma ser majoritariamente identificada pela paleta concisa centrada no preto e branco (escolha que exerce o papel de manter a produção vinculada às suas operações fundamentais, despida de acessórios), aqui acompanhamos um forte interesse pelo vermelho e suas

variações, fruto da busca por uma nova radicalidade e um alargamento dos contornos subjetivos.

Não se trata, porém, de compreender seu gesto enquanto fetiche expressionista, via pela qual seríamos convocados a perseguir traços de singularidade psicológica em sua produção. Também não nos cabe identificar em seus rabiscos uma marca autoral que se aproxime das ideias de estilo, personalidade e distinção; a idéia de gesto como assinatura, por exemplo. Na via contrária, os riscos que vemos aqui buscam certa desterritorialização — não documentam a biografia de um sujeito, mas os tremores e vibrações que atravessam seu corpo, a energia de seus movimentos repetidos à exaustão, tais quais exclamações visuais que podem ser compartilhadas também em nível coletivo (produzida nos últimos dois anos, é possível dizer que esta exposição também corresponde em maior ou menor grau ao estado de estresse social que atravessamos).

Em quase todos os trabalhos aqui presentes, tal corpo se manifesta pelo seu caráter indicial, isto é, anuncia uma presença constituída através de uma ausência. São desenhos-cicatrizes que apontam a perspectiva de que um corpo não é feito só de carne e osso, nem mesmo só de matéria. Trata-se de um misto de máquina errante e instrumento, prótese e laboratório de experimentação — campo de batalha por excelência.

O corpo de *Febre* é um corpo inscrito. Duas exceções, no entanto, são “Mão dormindo” (2021) e “Conversa-Acordo” (2021), vídeos nos quais as mãos adquirem uma animalidade própria, como se existissem de modo independente do resto do corpo. No primeiro, os gestos mínimos do membro que repousa nos fazem imaginá-lo situado logo no momento após a execução das obras: eis uma mão exausta de produzir.

No segundo, o diálogo íntimo entre as mãos (que ora soa como conflito, ora como jogo de sedução) divide o corpo de um mesmo sujeito. Segundo a própria artista, “quando duas mãos se tocam, qual é tocada e qual toca? Quem é o sujeito e objeto em cena?”.

A condição de duplo que está presente em “Conversa-Acordo” também se faz visível em outros momentos da mostra. Os carbonos arranhados com as unhas apresentam polos espelhados — positivo e negativo, matriz e cópia — no reconhecimento de si próprios como um outro.

O mesmo acontece com os “bordados” riscados simultaneamente com as mãos esquerda e direita, que produzem manchas heterogêneas de difícil conciliação (nesses casos, a cólera é mais contida e concentrada, como numa gradação rítmica coreografada). O duplo atua enquanto solução dialética que desorienta e perturba a suposta razão do procedimento, algo que fica ainda mais acentuado com a repetição e a insistência.

Longe de refletir qualquer padronização, os gestos reincidentes de Chaim distanciam-se da ideia de êxito e eficácia de um programa possível para afirmarem a crueza própria do fracasso. A falha situa-se como recusa, impostura e

impossibilidade, mas também saída propositiva e recurso inventivo. Repetir, aqui, é um modo de esgarçar o gesto até que seja possível finalmente vê-lo, agarrá-lo.

Há ainda um conjunto de cerâmicas com grafite que parece migrar os riscos que vemos nos papéis japoneses para a tridimensionalidade do espaço. São linhas igualmente irregulares que sugerem fragmentos orgânicos retorcidos e reduzidos a sua essência. Como em trabalhos anteriores da artista, o grafite deixa de ser o meio pelo qual algo se expressa para ser fim em si mesmo, matéria de interesse autônomo. Além disso, algumas dessas peças, de curvatura mais acentuada, mencionam a forma do corpo histórico de Louise Bourgeois, aproximando forma e sintoma.

Por fim, compreendo essa *Febre* que Chaim nos endereça como uma espécie de reação ao estado de dormência que nos acomete no presente. Aqui, imersos nos delírios das altas temperaturas, estamos convocados a recuperar a gestualidade, na busca por performar e exercer nossas pulsões vitais. Alguma febre, sim, para não nos assujeitarmos ao fracasso ininterrupto do agora. Alguma febre, sim, que seja capaz de garantir a insurreição dos nossos sonhos.

Pollyana Quintella

fever

(...) "In the gesture, each body, once free from its voluntary reaction with a function, whether if it is organic or social, can for the first time, explore inquire and show all the possibilities of what it is capable."

Giorgio Agamben

Whoever is expecting to find shelter in this architecture is mistaken. At first, there is a box inside another box; a wooden grid at the center of the gallery. A hollow structure invites us to contemplate suspended drawings, to walk in and out, front and back. Everything seems to be in its place, until we approach the works. Therefore, the apparent rigidity of the space meets the manifestations of a restless, feverish body. Our eyes run through vigorous and repetitive lines, material densities, scratches, slaps, explosions and shards: no traces of consolation, no redemption.

Fever is an exhibition that rounds the reflexive powers of gesture. Free from any functionality, Carla Chaim's actions explore the rebellions and uprisings that fit into one body. While the artist is usually identified by her concise palette, centered around black and white – a choice that fulfills the role of maintaining the production linked to its fundamental operations, stripped of accessories –, here we see a strong interest in red and its variations, a result of the search for a new radicalism and a widening of

subjective contours. However, it is not about understanding her gesture as an expressionist fetish, a way in which we would have been summoned to look for traces of psychological singularity in her production. In addition, it is not our duty to identify, in her scribbles, an author's mark that relates to the ideas of style, personality and distinction; the idea of gesture as signature, for example. On the contrary: the lines we see here pursue a certain deterritorialization. They do not document the biography of an individual, but the tremors and vibrations that run through their body, the energy of its movements repeated to exhaustion, such as the visual exclamations that may also be shared at a collective level – since the show has been produced in the past two years, it is possible to say that it somewhat corresponds to the social stress to which we have been submitted.

In almost all the artworks here, such body is manifested by its evidential aspect; in other words, it announces a presence that is constituted through absence. They are scar-drawings that point to the perspective that a body is not made only of flesh and bones, nor only of matter. It is a mixture of wandering machine and instrument, prosthesis and experimentation lab – a battlefield per excellence. The body of *Fever* is an incorporated body. Two exceptions, however, are "*Mão dormindo*" ["Hand sleeping"] (2021) and "*Conversa-Acordo*" ["Conversation-Agreement"] (2021), videos in which the hands acquire their own animality, as if they existed

independently from the rest of the body.

In the first one, minimal gestures of the resting member make us imagine that they take place right after the execution of the works: this hand is exhausted from producing. In the second one, an intimate conversation between the hands (sometimes indicating a conflict, sometimes a game of seduction) divides the body of the same individual. According to the artist herself, “when two hands touch, which one is touched and which one touches? Who is subject and object in the scene?”.

The duality that is present in “Conversa-Acordo” [“Conversation-Agreement”] is also visible in other moments of the show. The carbon sheets of paper scratched by nails display mirrored poles –positive and negative, matrix and copy – recognizing themselves as another being. The same is true for the “embroidered” scratched simultaneously by left and right hands, producing heterogeneous stains that hardly conciliate (in such cases, the wrath is more restrained and focused, in a choreographed rhythmic gradation). The dual other acts as a dialectical solution that disorients and disturbs the alleged reason of the procedure, something that becomes even more intensified by repetition and insistence. Far from reflecting any standardization, Chaim’s persistent gestures distance themselves from the idea of a possible program’s success and efficiency towards an affirmation of the cruelty of failure. Fault is situated as refusal, imposture and impossibility, but also as a constructive way out and an inventive resource. Repeating, in this case, is a way to shred the gesture until it is possible to finally see it and grab it.

There is also a ceramic and graphite set that seems to migrate the lines we see in

Japanese paper into the tridimensionality of the space. They are equally irregular lines that suggest organic fragments, which are twisted and reduced to their essence. Such as in the artist’s earlier pieces, graphite ceases to be the means by which something is expressed and starts being an end in itself, a matter of autonomous interest. In addition, some of the pieces with pronounced curves allude to the shape of Louise Bourgeois’s hysterical body, bringing shape and symptom closer.

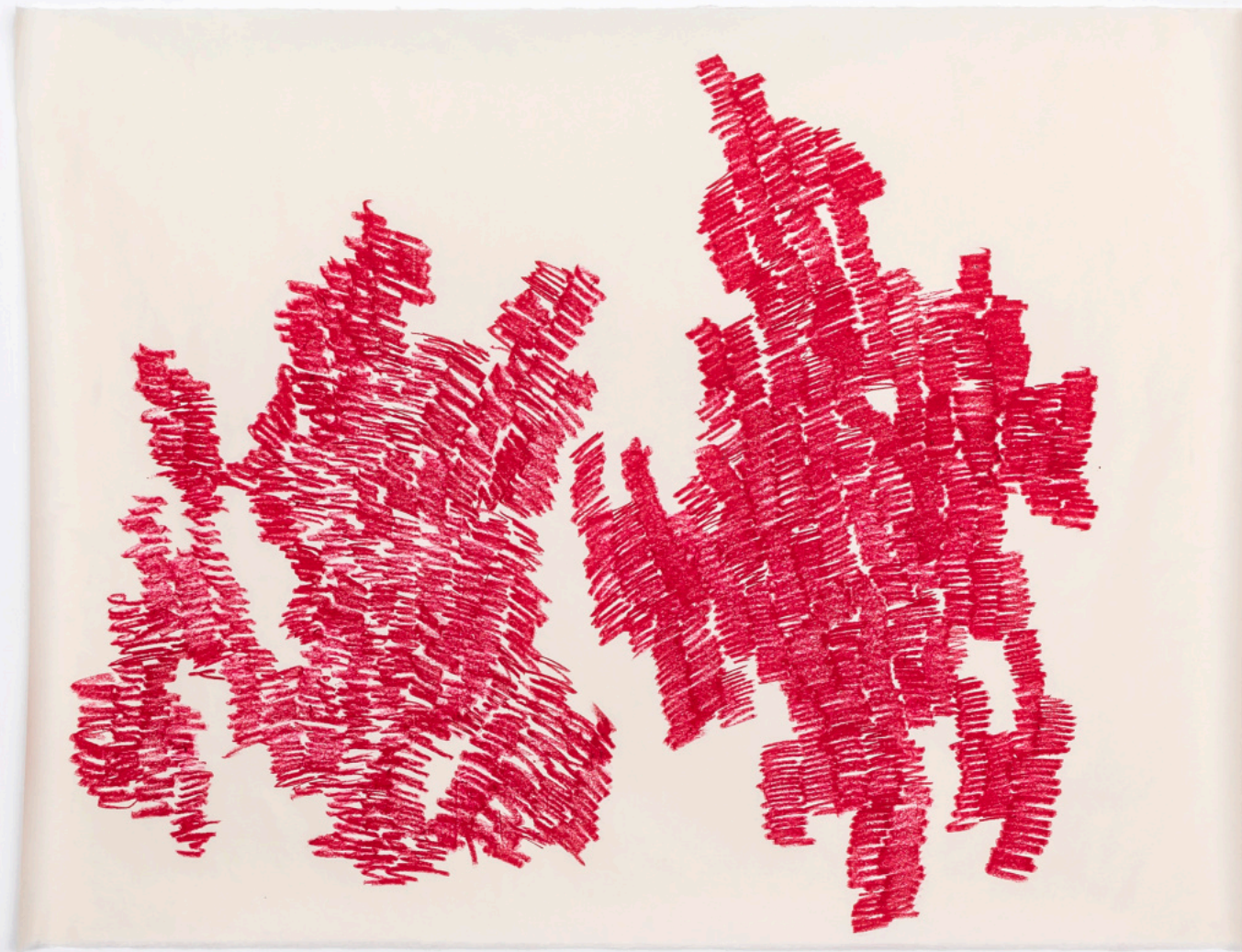
Finally, I see this Fever that Chaim is showing us as a type of reaction to the state of numbness that strikes us at the moment. Here, immersed in the delirium of the high temperatures, we are summoned to recover the language of gestures, seeking to perform and act on our life drive. Some fever will be there, yes, so that we do not subject ourselves to the uninterrupted failure of the now. Some fever will be there, yes, to guarantee the insurrection of our dreams.

Pollyana Quintella



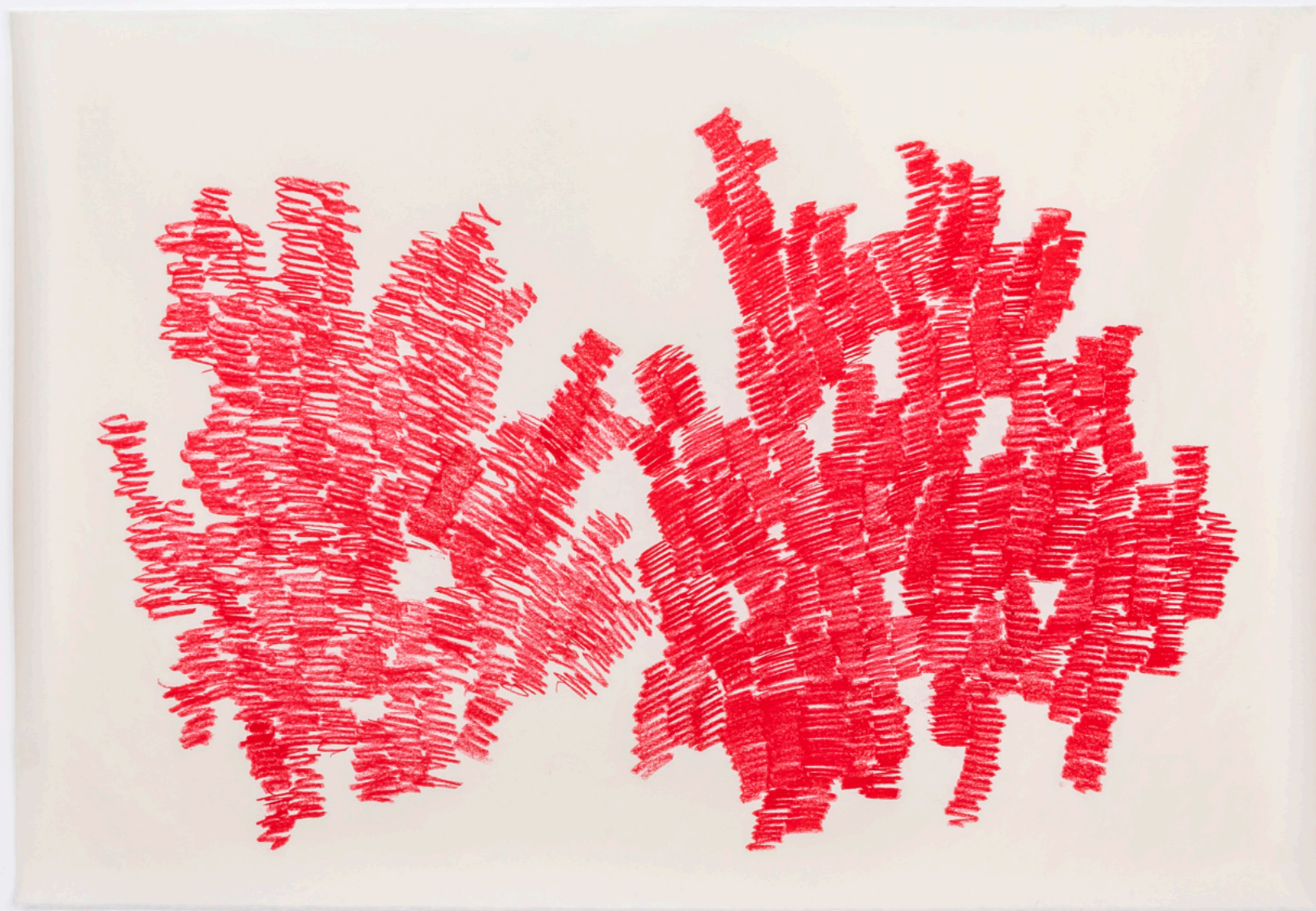
bordado_2021
pastel oleoso sobre
papel japonês
115 x 101 cm

embroidered_2021
oil pastel on japanese
paper
115 x 101 cm



bordado_2021
pastel oleoso sobre
papel japonês
101 x 134 cm

embroidered_2021
oil pastel on japanese
paper
101 x 134 cm



bordado_2021
pastel oleoso sobre
papel japonês
101 x 144,5 cm

embroidered_2021
oil pastel on
japanese paper
101 x 144,5 cm



bordado_2021
pastel oleoso sobre
papel japonês
118,5 x 101,5 cm

embroidered_2021
oil pastel on japanese
paper
118,5 x 101,5 cm



bordado _2020
pastel oleoso sobre
papel japonês
101,5 x 141,5 cm

embroidered _2020
oil pastel on
japanese paper
101,5 X 141,5 cm



bordado_2020
pastel seco sobre
papel japonês
99 x 145 cm

embroidered_2020
dry pastel on
japanese paper
99 X 145 cm

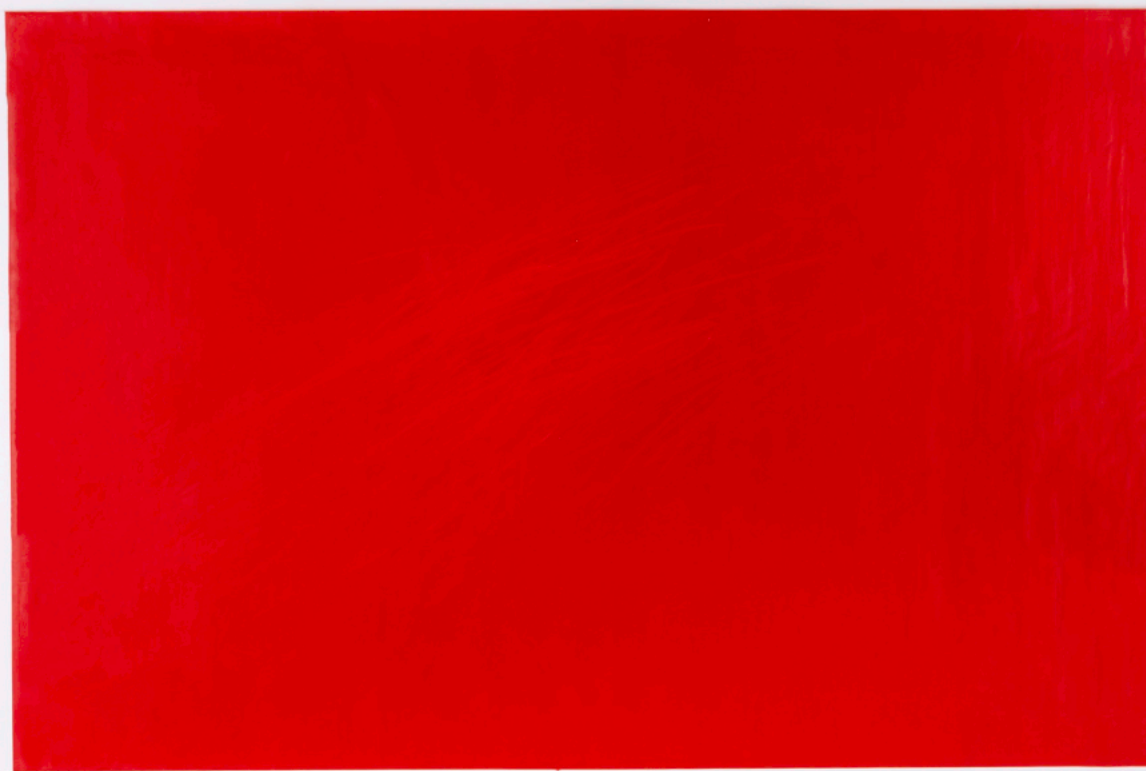
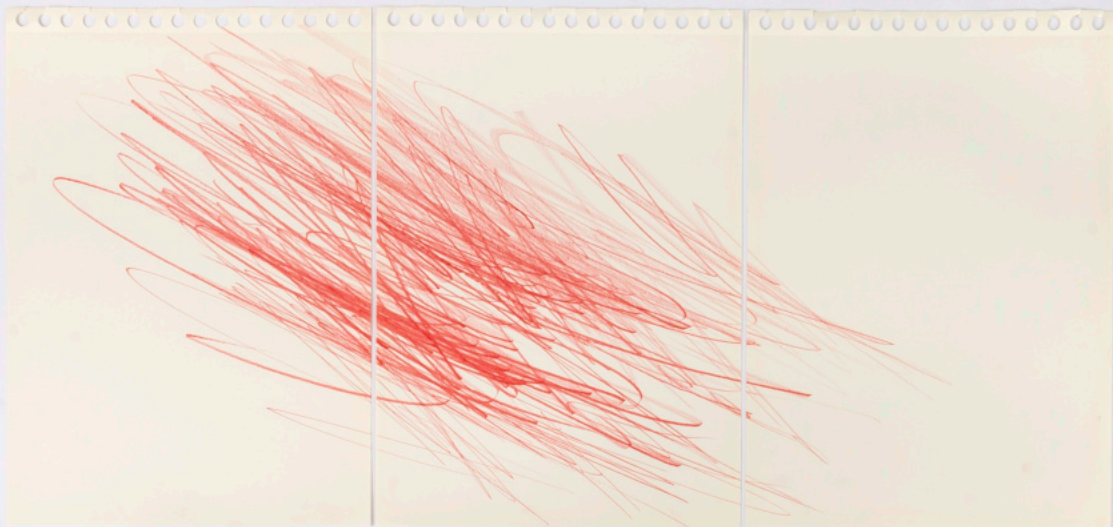


**sem título IX (risco carbono
vermelho) _2020**

papel carbono vermelho
riscado e folhas de caderno
74 x 66 cm cada

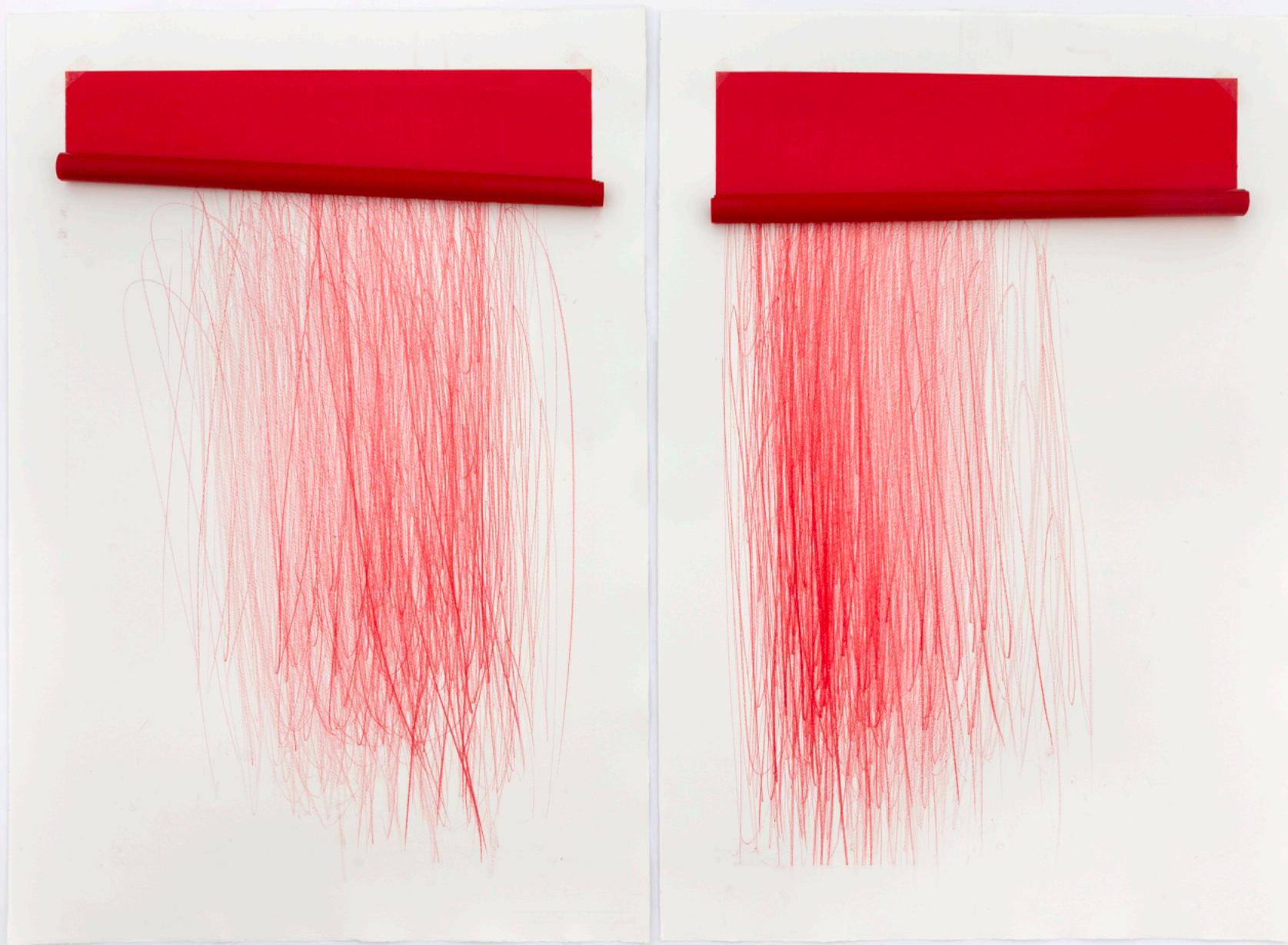
**untitled IX (scratch carbon
red) _2020**

scratched red carbon paper
and notebook sheets
74 x 66 cm each



**sem título XIII (risco
carbono vermelho) _2020**
papel carbono vermelho
riscado e folhas de
caderno
74 x 66 cm cada

**untitled XIII (scratch
carbon red) _2020**
scratched red carbon
paper and notebook
sheets
74 x 66 cm each



**sem título XV (risco
carbono vermelho) _2020**
papel carbono vermelho
riscado e folhas de
caderno
78 x 53 cm cada

**untitled XV (scratch
carbon red) _2020**
scratched red carbon
paper and notebook
sheets
78 x 53 cm each



carbono risco preto II_2020

papel carbono preto riscado

sobre papel colorido

120 x 45,7 cm

(políptico)

carbon scratch black II _2020

scribbled black carbon paper

on colored paper

120 x 45,7 cm

(polyptych)



tapa_2020
óleo sobre linho
33,5 x 25,5 cm

slap_2020
oil stick on linen
33,5 x 25,5 cm



sem titulo (preto IX)_2021
óleo sobre linho
130 x 130 cm

untitled (black IX)_2021
oil on linen
130 x 130 cm



sem titulo (preto VII)_2021
óleo sobre linho
130 x 130 cm

untitled (black VII)_2021
oil on linen
130 x 130 cm



sem titulo (preto VIII)_2021
óleo sobre linho
130 x 130 cm

untitled (black VIII)_2021
oil on linen
130 x 130 cm



mole_2020
bastão oleoso sobre papel
japonês
166,5 x 97 cm

mole_2020
oil stick on japanese paper
166,5 x 97 cm



mole_2021
bastão oleoso sobre
papel japonês
167 x 9 cm

mole_2021
oil stick on japanese
paper
167 x 96 cm



fuligem_2021
grafite sobre
papel
amassado
159 x 101 cm

soot_2021
graphite on
crumpled paper
159 x 101 cm



breu-espelho_2021
grafite em pó e bastão
oleoso sobre papel
amassado
220 x 101 cm

pitch dark - mirror_2021
powdered graphite and
oil stick on crumpled
paper
220 x 101 cm



cass_2021
grafite e bastão
oleoso sobre papel
japonês
154 x 103 cm

cass_2021
graphite and oil
stick on japanese
paper
154 x 103 cm



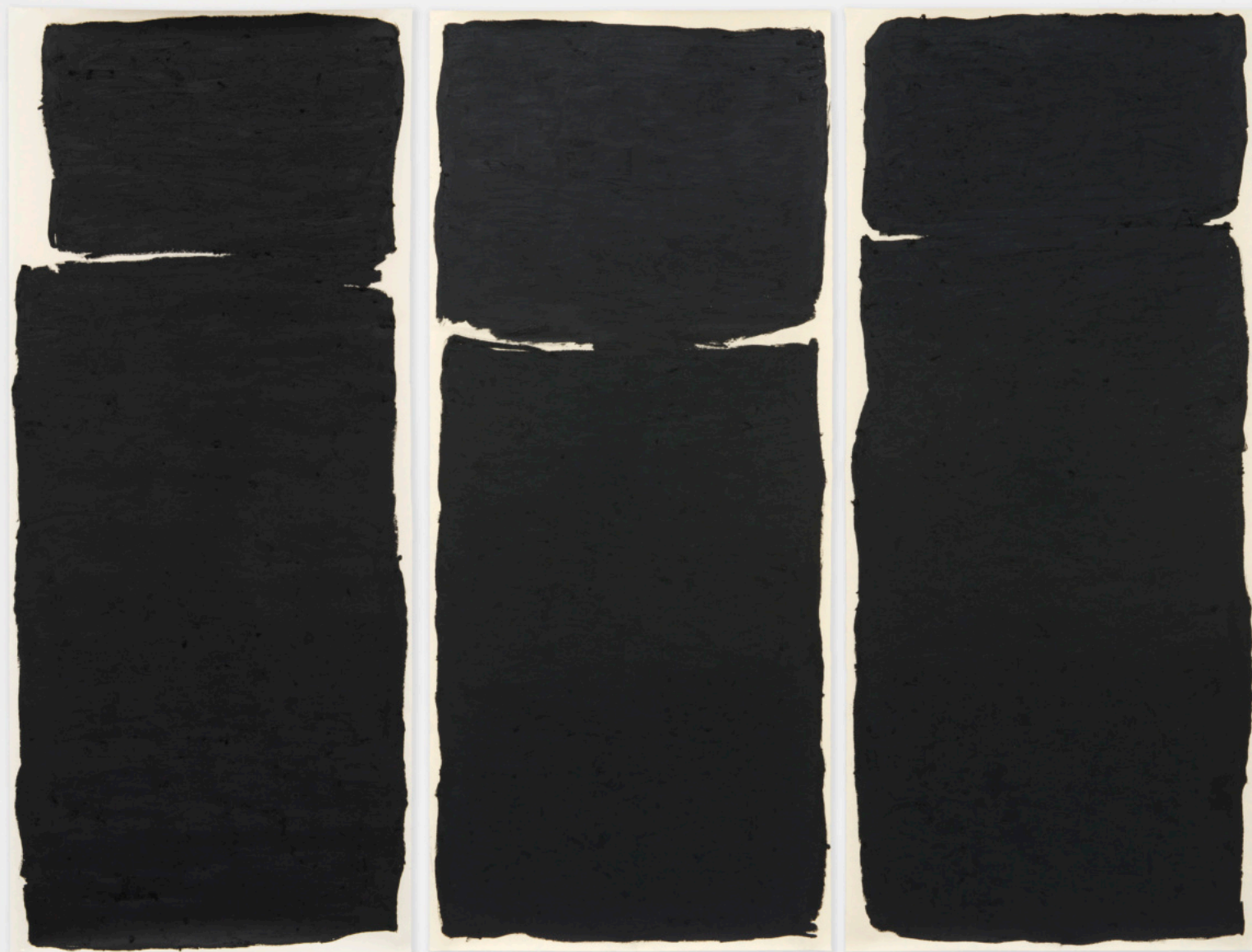
erosão_2021
bastão oleoso,
pigmento preto e
argila sobre papel
japonês
156 x 98 cm

erosion_2021
oil stick, black
pigment and clay on
japanese paper
156 x 98 cm



rabisco III_2021
bastão oleoso sobre
papel japonês
210 x 100 cm

scribble III_2021
oil stick on Japanese
paper
210 x 100 cm



cabeça de peixe_2020
bastão oleoso sobre
papel japonês
191 x 80 cm cada

fish head_2020
oil stick on japanese
paper
191 x 80 cm each



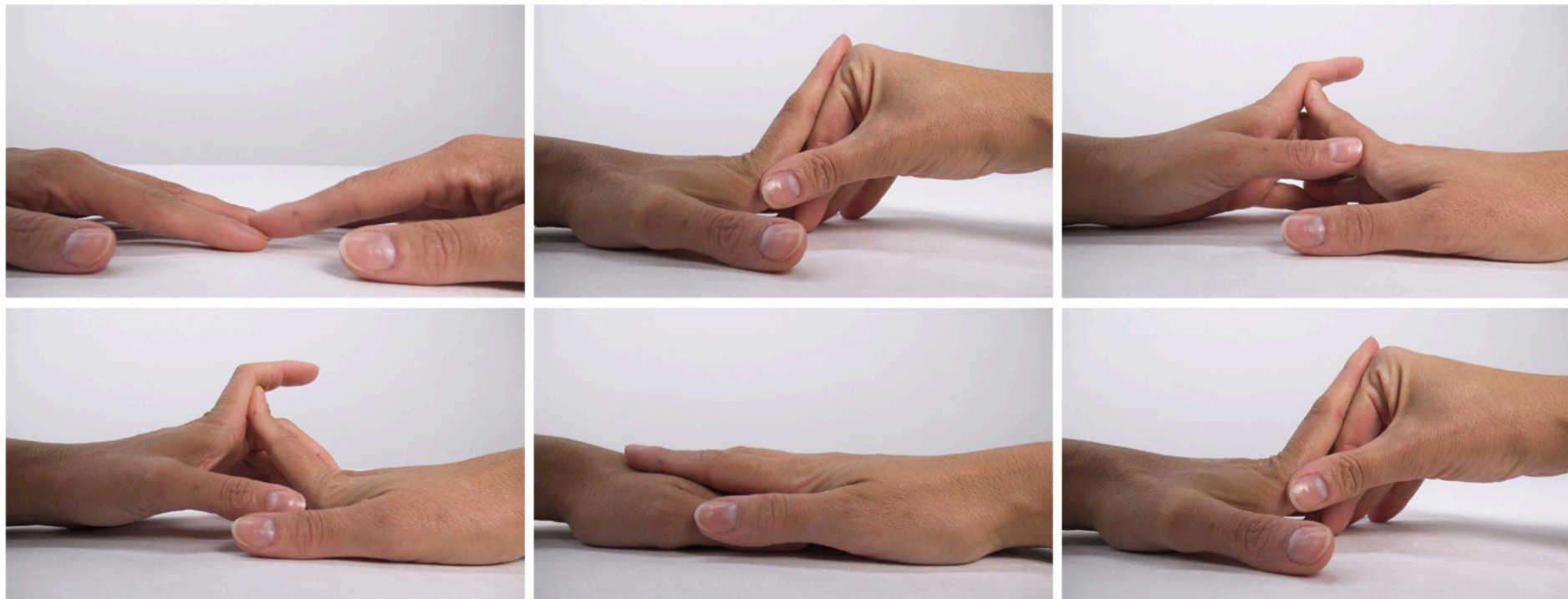
sem título_2021
bastão oleoso sobre
papel japonês
172,5 x 97 cm e
131,5 x 79 cm

untitled_2021
oil stick on japanese
paper
172,5 x 97 cm and
131,5 x 79 cm



ELA I_2020
bastão oleoso sobre
linho
69 x 98 cm

ELA I_2020
oil stick on linen
69 x 98 cm



conversa – acordo_2021

vídeo HD

1/5 + 2 PA

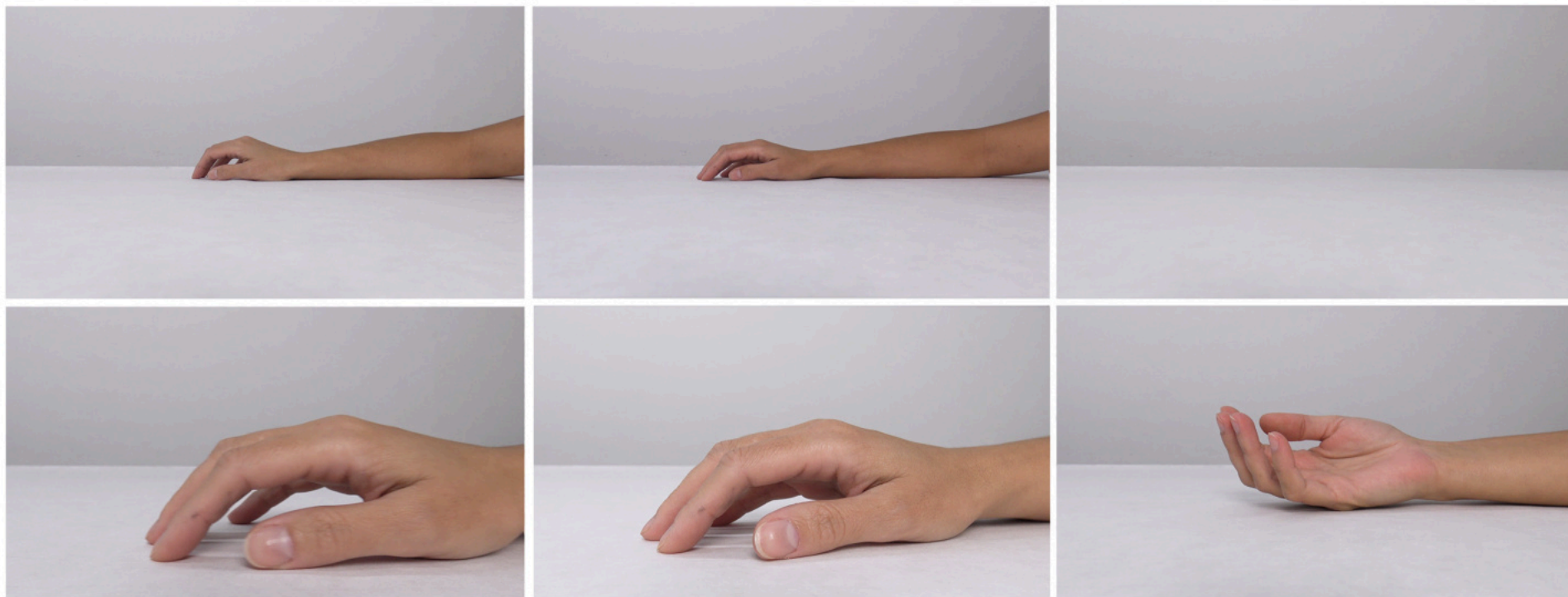
16:9 (6:01 min)

conversation-deal _2021

video HD

1/5 + 2 PA

16:9 (6:01 min)



mão dormindo_2021
vídeo HD, cor, mudo
1/5 + 2 PA
16:9 (5:23min)

hand sleeping_2021
HD video, color,
mute
1/5 + 2 PA
16:9 (5:23min)

Carla Chaim

são paulo, sp_ 1983_ vive e trabalha em são paulo

Tanto em papel ou em tela, como em fotografias e ações gravadas em vídeo, Carla Chaim provoca a concepção tradicional sobre desenho. Mais do que um suporte para o desenvolvimento de uma ideia, ou um esboço inicial, a ação que antecede o desenho se mostra como um vestígio de um corpo sobre o suporte, um vestígio da presença remanescente de um gesto. Inicialmente, Carla se debruçava sobre a noção de controle em suas peças, evocando a geometria, por meio de regras preestabelecidas quanto em seus movimentos físicos na elaboração do desenho. Em seguida, seu gesto se desregra e ganha fluidez. O corpo permanece como ferramenta urgente nesse processo, atravessando a abstração que discute os limites físicos e sociais do fazer artístico.

Formada em Artes Visuais pela Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP (2004), onde também realizou a pós-graduação em História da Arte (2007). Participou de várias residências de arte, entre elas Arteles, Finlândia (2013) e The Banff Centre for the Arts, Canadá, (2010).

Seu trabalho foi exibido em inúmeras exposições, incluindo: Histórias da Dança, MASP, São Paulo, curadoria de Olivia Ardui e Julia Bryan-Wilson (2020); Ella, Galeria Fernando Pradilla, Madrid, Espanha (2020); A Pequena Morte, Galeria Raquel Arnaud, São Paulo (2018); CODE, Galeria Osnova, Moscou, Rússia (2017);

Ao Amor do Público I, Museu de Arte do Rio - MAR, Rio de Janeiro, Brasil (2016); Novamente pela primeira vez, Durban Segnini Gallery, Miami, EUA (2015); Setor de cinema, Art Basel, Miami, EUA (2015); Ichariba Chode, Plaza North Gallery, Saitama, Japão (2015); Impulso, Razão, Sentido, Conflito, Cisneros Fontanals Art Foundation - CIFO, Miami, EUA (2014).

Carla Chaim recebeu os seguintes prêmios: Prêmio Funarte de Arte Contemporânea (2011), CCBB Contemporâneo (2015), Prêmio FOCO Bradesco ArtRio (2015), Prêmio Energias na Arte (2015). Em 2016, Carla foi selecionada para o Future Generation Art Prize, onde em 2017 apresentou suas obras no Pinchuk Art Center, Kiev, Ucrânia e em Veneza, na Itália, em um evento colateral durante a Bienal de Veneza. Suas obras são parte de coleções como Ella Fontanals-Cisneros, Miami, EUA; Museu de Arte do Rio - MAR, RJ; Pinacoteca do Estado de São Paulo, SP; Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), SP; MAM, Museu de Arte Moderna (MAM), RJ, Museu de Arte de Ribeirão Preto (MARP), Ribeirão Preto, e Ministério das Relações Exteriores, Itamaraty, Brasília.

Carla Chaim

são paulo, brazil _ 1983_ lives and works in são paulo

Whether if it is on paper or on canvas, like the photographs and actions recorded on video, Carla Chaim provokes the traditional conception of drawing. More than a support for the development of an idea, or an initial sketch, the action precedes the drawing that is shown as a trace of a body on the support, a trace of the remaining presence of a gesture. Initially, Carla focused on the notion of control in her works, evoking geometry, through pre-established rules and in her physical movements and the elaboration of the drawing. Then, her gesture becomes unruly and gains fluidity. The body remains an urgent tool in this process, crossing the abstraction that discusses the physical and social limits of artistic making.

Graduated in Fine Arts at Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP (2004), where she also did the post-graduation degree in Art History (2007). She has participated in several art residencies, among them Arteles, Finland (2013) and The Banff Centre for the Arts, Canada, (2010).

Her work has been shown in numerous group exhibitions including: Histórias da Dança, MASP, São Paulo, curated by Olivia Ardui and Julia Bryan-Wilson (2020); Ella, Fernando Pradilla Gallery, Madrid, Spain (2020); A Pequena Morte, Galeria Raquel Arnaud, São Paulo (2018); CODE, Osnova Gallery, Moscow, Russia (2017); Ao Amor do Público I, Museu de Arte do Rio - MAR, Rio de Janeiro, Brazil (2016);

Again for the First Time, Durban Segnini Gallery, Miami, USA (2015); Film Sector, Art Basel, Miami, USA (2015); Ichariba Chode, Plaza North Gallery, Saitama, Japan (2015); Impulse, Reason, Sense, Conflict, Cisneros Fontanals Art Foundation – CIFO, Miami, USA (2014); Carla Chaim received Brazilian awards and prizes such as CCBB Contemporâneo and Prêmio FOCO Bradesco ArtRio, both in 2015 in Rio de Janeiro.

In previous years, she received the awards: Prêmio Funarte de Arte Contemporânea and Prêmio Energias na Arte, in 2015 in São Paulo. In 2016, Carla was shortlisted for the Future Generation Art Prize where in 2017 she presented her works in Pinchuk Art Centre, Kiev, Ukraine and in Venice, Italy, in a collateral event during the Venice Biennale. Her works are part of collections such as Ella Fontanals-Cisneros, Miami, USA; Museu de Arte do Rio – MAR, RJ, Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brazil; Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), SP, MAM, Museu de Arte Moderna (MAM), RJ, Museu de Arte de Ribeirão Preto (MARP), Ribeirão Preto and Ministry of Foreign Affairs, Itamaraty, Brasília, Brazil.



febre
carla chaim

6 novembro – 18 de dezembro de 2021
november 6 - december 18, 2021

Galeria Raquel Arnaud

Rua Fidalga, 125 – Vila Madalena
+55 11 3083-6322
info@raquelarnaud.com